

Grupo dos Onze: a esquerda brizolista: (1963-1964)

TÂNIA DOS SANTOS TAVARES*

Este artigo tem como objetivo verificar uma pequena parte da história política brasileira. Os Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas¹ foram um movimento de esquerda organizado pelo então deputado federal do estado da Guanabara, Leonel de Moura Brizola em outubro de 1963. Esses grupos tinham o objetivo de pressionar o presidente João Goulart para a realização das Reformas de Base. Os Grupos de Onze Companheiros tiveram vida curta e se desmobilizaram com o golpe civil/militar em 1^a de abril de 1964.

Ao iniciar esta pesquisa deparei-me com a pouca bibliografia a respeito desse tema, talvez pela curta duração que esse movimento teve. Mesmo assim, os Grupos de Onze tiveram grande repercussão política sendo comparados a células comunistas, no entanto, verificamos em nossa pesquisa que tratavam-se de simples trabalhadores urbanos, que, logo após o golpe civil/militar foram perseguidos, presos e torturados pela ditadura militar.

Cabe ressaltar que a organização brizolista se deu num período de intensas transformações políticas e econômicas na sociedade brasileira, que foram determinantes para o surgimento de movimentos e grupos sociais, sobretudo de esquerda, que participaram ativamente das lutas e dos conflitos de classe.

A crise de 1961 gerada com a renúncia de Jânio Quadros e o sucesso da resistência liderada pelo ex- governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola no episódio da Campanha da Legalidade, seguida pela estatização de empresas americanas e expropriações de terras, provocaram no líder gaúcho a confiança de que a pressão popular forçaria a aprovação das Reformas de Base.

* Mestre em História Social do Território pela Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ-SG). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Professora da Rede Estadual/RJ.

¹ Os Grupos dos Onze eram conhecidos também como Comandos Nacionalistas. Na documentação pesquisada foram encontradas várias formas de grafia referente ao termo: Grupo de Onze, Grupo dos 11 ou mesmo G11. Neste trabalho será utilizada a denominação Grupo dos Onze.

Nesse período Brizola e João Goulart representavam o expoente máximo do trabalhismo nacional. Mas a ideologia trabalhista desses dois petebistas não foi suficiente para mantê-los na mesma luta em prol das reformas estruturais. Ao assumir o Executivo, João Goulart apostava num regime moderado pela via de uma política de conciliação, através de alianças com o PSD, e outros partidos de direita. A intenção era obter apoio tanto da direita, vinculada ao mercado interno, como da esquerda, para a realização de seus projetos. Por outro lado, Brizola, que representava a ala mais radical dentro do PTB, cobrava de seu cunhado mais audácia e coragem nos seus atos de governo. O deputado não acreditava que o Congresso Nacional aprovasse um projeto nacional-reformista que trouxesse mudanças profundas para o país, principalmente porque tal projeto atingia os interesses das classes dominantes.

Para tanto, Brizola defendia ações mais radicais para as transformações que propunha, como a possibilidade de fechar do Congresso Nacional, além de defender a intervenção das Forças Armadas no processo político, ideias essas que despertaram ainda mais os temores dos setores conservadores civis e militares da sociedade de que uma onda comunista ameaçasse invadir o Brasil. Essa dualidade política entre Brizola e seu cunhado Jango caracterizou um “segundo momento do trabalhismo”, que teve seu embrião na política estadonovista de Getúlio Vargas na década de 30. Entre os anos de 1954 e 1964, o PTB passou por disputas internas para definir “as bases de atuação do partido”(GOMES, 2004: 11-20) ² Essa situação contribuiu para anular os esforços de Jango para conseguir apoio para seu governo tanto da esquerda como da direita.

No final de 1963 o Brasil estava mergulhado numa forte crise política e econômica, e, é nesse momento de instabilidade que o país vivia que Brizola utilizou de um expediente já conhecido em 1961 no episódio da Legalidade: a força do rádio. Numa ação extraparlamentar³, o então deputado federal pelo estado da Guanabara, pelos

³ Como deputado federal pelo estado da Guanabara Brizola “direcionou sua atividade política muito mais para luta fora do Congresso do que dentro dele. De acordo levantamento feito Maria Helena Versiani, até 10 de abril de 1964, quando teve seu mandato cassado pelo regime militar, Brizola proferiu apenas 16 discursos no plenário da Câmara dos Deputados: sete defendiam o encaminhamento pelo governo do projeto de reforma agrária, três sublinhavam a necessidade de organização dos trabalhos das comissões parlamentares dentro da câmara tendo em vista a agilização do programa de reformas políticas, quatro denunciavam ações antinacionalistas subliminares à compra pelo governo federal de empresas concessionárias de serviços públicos, e dois denunciavam uma articulação da empresa jornalística Diários Associados com o Banco do Brasil, envolvendo de um lado sucessivas concessões de crédito e, de outro, total, inadimplência.” Ver FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Força do Povo: BRZOLA e o Rio de Janeiro*. (Org.) FERREIRA, Marieta de Moraes. Rio de Janeiro: Alerj, Fundação Getúlio Vargas – CPDOC. 2008, p. 31.



microfones da rádio Mayrink Veiga, conclamou o povo, a organizar células de onze integrantes. O deputado apostava mais uma vez na pressão popular. Desta vez para forçar a aprovação das Reformas de Base.

Através do programa Rede do Esclarecimento, que ia ao ar todas às sextas-feiras às 21 horas, (LEITE FILHO, 2008: 251) seus discursos foram amplificados chegando aos lugares mais distantes do território nacional. Ele chamava o povo para a luta contra o imperialismo e as mazelas sociais pelas quais passava a população brasileira. Dessa forma não foi difícil conseguir a adesão da população mais carente do campo ou da cidade. Além disso, a organização de células de onze integrantes remeteria a uma equipe de futebol, esporte popular mais difundido entre os brasileiros, o que facilitou a adesão de milhares de pessoas de todo o país.

A rápida proliferação dos Grupos de Onze em todo território nacional deu-se em pleno evento da Guerra Fria e pós Revolução Cubana, o que alimentou o imaginário conservador da sociedade que caracterizou a organização brizolista como comunista. Setores de direita civil e militar, a imprensa opositora e parte da Igreja Católica começaram uma intensa guerra anticomunista contra todos aqueles que apoiavam as Reformas de Base e se identificavam com a ideologia antiamericana. Eles acreditavam que esses “grupos” estavam se armando, e formando um verdadeiro exército revolucionário, no entanto nossas pesquisas demonstraram que os grupos eram formados por trabalhadores em busca de seus direitos econômicos, políticos e sociais (GOMES, 1989: 81).

Este artigo discute a atuação desses integrantes dos Grupos de Onze que foram, durante o período, caracterizados como comunistas e facções armadas que rondavam o imaginário social da época. As representações criadas em torno dos Comandos Nacionalistas fizeram parte de um conjunto de representações criadas pela sociedade conservadora, através do qual ela define os fins que deseja alcançar (ANSART, 1978: 21-22).

No que se refere aos integrantes dos Grupos de Onze que pesquisamos, estes demonstraram ser simples trabalhadores urbanos, que, independentemente da facção partidária, viam na figura de Brizola a liderança capaz de lutar pela classe trabalhadora. Segundo E. P. Thompson a consciência de classe não é definível apenas em termos econômicos, ela surge das experiências políticas, econômicas e culturais vividas pelos

próprios trabalhadores. Para este autor, a classe acontece ou existe quando grupos de homens compartilham experiências comuns, em termos políticos e culturais e as materializam em “tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”(THOMPSON, 1987:10).

Portanto, esses trabalhadores integrantes dos Grupos de Onze estavam ligados a um projeto de valorização política do trabalho, que teve seu início ainda no primeiro governo de Getúlio Vargas (FERREIRA, 1977).

A hipótese desse estudo é de que os Grupos de Onze não configuravam grupos comunistas ou revolucionários capazes de implantar um sistema comunista como foram representados pela oposição. Os envolvidos eram em sua maioria trabalhadores que acreditavam que ao participarem do movimento brizolista, estariam lutando pela implementação das Reformas de Base e se “preparando” contra um possível golpe que estava sendo orquestrado pela direita.

A metodologia utilizada neste trabalho constitui-se em pesquisa oral, bibliográfica e dos informes de investigação do Departamento de Ordem Social (DOPS) do Estado da Guanabara que se encontram aos cuidados do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Neles constam inquéritos de investigação e dossiês sobre os Grupos de Onze, projetados por Brizola, e a suposta articulação desse grupo, considerado subversivo pela polícia política, para a tomada de poder.

A História Oral foi de vital importância para o esclarecimento dos fatos e percepções da época estudada. Através dela, buscou-se esclarecer fatos ocorridos no período anterior ao golpe militar, relativos à formação dos Grupos de Onze e ao cotejo com as fontes formais, propiciando uma pesquisa comparativa entre os depoentes e o que está na documentação escrita produzida pelo DOPS.

Não foi tarefa fácil localizar pessoas que participaram do movimento brizolista, depois de quase 50 anos. Durante o processo de pesquisa muitos nomes foram citados, mas poucos encontrados. Alguns não lembravam, ou não quiseram falar sobre o assunto. Para esses as recordações são dolorosas. Nesse sentido ao trabalhar com a História Oral estamos lidando com memórias, e estas são seletivas, sujeitas as emoções e ao esquecimento, pois ao contar sua história, o entrevistado traz para o presente lembranças do que determinado evento representou para ele, ou para o grupo no qual estava inserido.

Dessa forma, o documento obtido após uma entrevista é de vital importância para um estudo de determinado evento, “(...) uma vez que revela o clima de uma época, ou de uma problemática, obtido a partir do diálogo espontâneo que sugere a trama de relações e de processos subjacentes aos acontecimentos narrados” (CAMARGO, Doc.CPDO: 5).

A maioria dos entrevistados faz parte da Associação dos Anistiados Políticos Aposentados e Pensionistas (ANAPAP) do município de Duque de Caxias do Rio de Janeiro. Não foi uma escolha intencional trabalhar com esta cidade, mas foi nela que consegui encontrar personagens que participaram do meu objeto de estudo. Estes depoimentos ajudaram a conhecer as expectativas dessas pessoas em relação às propostas do líder trabalhista, e, ainda, definir o que foram esses grupos.

Neste artigo pretende-se apresentar alguns itens importantes para uma melhor compreensão dos elementos históricos e políticos envolvidos na configuração da atuação dos envolvidos com os Grupos dos Onze.

No início da década de sessenta, o Brasil apresentou um quadro de efervescência social que afetou os vários níveis da vida nacional. O modelo econômico engendrado na década anterior conhecia sua primeira crise. Foi um período caracterizado por aceleração inflacionária e intensas instabilidades políticas, um quadro no qual se intensificaram tensões que já estavam presentes desde os anos quarenta e cinquenta (Mesquita, 2012: 1-1).

Com a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, o Brasil se viu mergulhado numa grave crise institucional. O vice-presidente eleito, João Goulart, de acordo com a Constituição de 1946, tinha a prerrogativa constitucional de assumir o cargo de chefe do Executivo do país. “O artigo 79 declarava simplesmente que o vice-presidente substitui o presidente” (SKIMORE, 1982: p.252). Apesar do que dizia o texto da carta maior do país, a posse do vice-presidente João Goulart não se efetivou, pelo menos naquele momento. No dia da renúncia, Jango estava em visita oficial à China, e essa situação “levantou imediatamente um violento debate”.

O veto à posse do vice-presidente já demonstrava o esforço político que o governo Jango teria que enfrentar na instauração de seu projeto trabalhista. O embate político ideológico, que se seguiu após esse episódio, resultou num processo de radicalização que representou a desestabilização de seu governo.

Ao assumir o governo, Jango teve que responder ao programa histórico das esquerdas, defendido por ele mesmo desde o início de sua carreira política nos anos 50: “as Reformas de Base”. Sob a expressão “Reformas de Base” estava reunido um conjunto de iniciativas que tinham como objetivo revolucionar as estruturas políticas, econômicas e sociais do país, promovendo o desenvolvimento econômico independente e a justiça social. Entre as reformas destacam-se: a reforma universitária, a bancária, a urbana, a administrativa, a fiscal e a agrária (FERREIRA, 2007, p. 545)

Nesse caso, é necessário observar que as esquerdas eram compostas de grupos heterogêneos⁴ que tinham em comum o objetivo de pressionar o governo à realização das transformações estruturais da sociedade. Compreendiam: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), uma parte do PTB e do PSD, as Ligas Camponesas, o bloco parlamentar denominado Frente Parlamentar Nacionalista, o movimento sindical representado pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), um grande número de subalternos das forças armadas, a União Nacional dos Estudantes (UNE), grupos trotskistas e o Partido comunista do Brasil (PCB). No Congresso, Goulart enfrentava a oposição da União Democrática Nacional (UDN). Além deste, Goulart enfrentava também outros setores da direita que contribuiriam para o enfraquecimento de seu governo. Neste grupo estavam parte da Igreja e os Institutos de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Mas, entre toda esquerda, a atuação do PTB, a partir de 1960, foi crucial para alimentar o conflito e acentuar a radicalização.

Leonel Brizola e o Partido Trabalhista Brasileiro

Trabalhista e nacionalista, Brizola implementou medidas relevantes na sua administração na prefeitura de Porto Alegre e no governo do Rio Grande do Sul. Revolucionou a área de educação com a criação de novas unidades escolares (brizoletas), encampou as empresas multinacionais norte-americanas dos setores de telefonia e de energia elétrica, respectivamente, a *Internacional Telephone and Telegraph* (ITT) e a *Bond and Share*, empresa da *América Foreign Power* (AMFORP). Outra

⁴ Apesar de serem de esquerda e apresentarem sentido de formação diferente de cada um, os partidos e grupos de esquerda, apesar de heterogêneos apresentavam um discurso comum. Eles compartilhavam com o desejo da implementação das Reformas de Base, além de temerem o golpe civil-militar contra as instituições democráticas brasileiras.

característica de seu governo foi a luta pela reforma agrária que se tornou a bandeira de luta e ruptura com a política conservadora nacional. Empenhado em seu ideal, o líder gaúcho deflagrou o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER) e criou o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA). De origem humilde, Brizola nutria uma grande admiração por Getúlio Vargas, elemento que o acompanhou em toda sua trajetória política, assim como seu carisma e seu discurso contundente capazes de mobilizar milhões de pessoas em torno de seu projeto nacionalista.

Trajano Sento-Sé (1999) concerne a Leonel Brizola, “político contemporâneo, mas também político do passado, com um caráter carismático que promulgava promessas messiânicas de salvação nacional.” Para este autor, Brizola representa a imagem do guerreiro e do estadista, “dotado de tenacidade suficiente” para tirar o país das mãos do inimigo externo e combater os elementos internos aliados a essa política estrangeira. “Os vínculos com a tradição são fundamentais para a construção dessa imagem, que confere sentido à história brasileira e à pertinência da ascensão de Brizola” (SENTO-SÉ, 1999, p. 36).

O conceito de político é amplo e vai muito além da relação com os partidos políticos e com as eleições. O político não ocupa um espaço limitado, definido, ele pode estar presente além dos contornos estabelecidos geograficamente. Segundo Rémond:

[...] o político é como esses Estados dos quais a geografia não delineou previamente os contornos e a história não parou de modificar os limites: o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado: este é um traço das sociedades totalitárias. Ora ele se retrai ao extremo. Essas variações obedecem a necessidades externas; refletem também as flutuações do espírito público (RÉMOND, 1996, p. 442)

Nesse sentido, Brizola refletiu a realidade de um grupo ou comunidade a qual estava inserido, com o objetivo de administrá-la. Sua admiração por Getúlio Vargas o acompanhou em toda sua trajetória política. E, assim, se valeu de elementos da política populista/trabalhista e nacionalista de Vargas para construir uma identificação política e ideológica necessária para sua ascensão política junto ao PTB, como pode ser verificado no artigo intitulado “A Carta de Vargas” publicado na 1ª edição do jornal o Panfleto, do dia 17 fevereiro de 1964. “A Carta de Vargas é o mais importante manifesto dirigido ao



povo brasileiro, desde a nossa Independência. Pelo que contém e pela autoridade de seu signatário” (SZATKOOSKI, 2008:53)

A referência à carta-testamento se tornou uma espécie de símbolo que reforçava seu novo trabalhismo com a tradição varguista de cunho nacionalista.

Os Nacional-Revolucionários

Os chamados “Nacional-Revolucionários” representavam a ala mais radical do PTB. O clima era de radicalização crescente nos anos de 63 e 64 e o nome de Brizola passou a significar o que mais à esquerda havia no trabalhismo brasileiro, agregando ideias e crenças de grupos de esquerda heterogêneos. Para Brizola, havia a necessidade de uma organização mais efetiva e só havia um caminho, o desfecho. Acreditando que o Brasil estava vivendo momentos decisivos e que rapidamente se aproximava de um desfecho, a partir de outubro de 1963, Brizola, em seus discursos na rádio Mayrink Veiga, falava de uma reta final da história, de um momento decisivo em que o povo e o antipovo se enfrentariam e conclama o povo para a formação dos Grupos dos Onze Companheiros que iriam formar o “Exército Popular de Libertação”. Segundo Ferreira (2007), no jornal O Panfleto, que era porta-voz da FMP, Brizola cita: “Passamos a viver momentos decisivos de nossa vida, de nossa história. Aproximamo-nos, rapidamente, de um desfecho desse período cruel que se iniciou desde o fim da segunda guerra” (PANFLETO, citado em FERREIRA, 2007: 14-15).

A oposição de Brizola consistia em forçar Goulart a exprimir uma identidade reformista em sua ação política, a qual visava à aprovação das Reformas de Base. Por outro lado, o governo buscava conciliar interesses em disputa, procurando manter a aliança do PTB com o PSD, que desagradava a esquerda petebista. Nesse quadro de crescente mobilização em prol das Reformas de Base, as mobilizações se expandiram por todo o país, inclusive nas áreas rurais.

Instruções Secretas

Entre os documentos apreendidos pelas comissões militares de investigação está o que foi considerado a maior prova de subversão dos Grupos dos Onze pelo Comando Supremo das Organizações Anti-Comunistas. Com o título “Instruções Secretas” e mais

abaixo “Preâmbulo Ultra-secreto,”⁵ assinado por um “Comando Supremo de Libertação Nacional,” o documento de 11 páginas traz ainda o comentário inicial: “ÊSTE DOCUMENTO FOI TRAZIDO AO NOSSO ‘SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E CONTRA-INFORMAÇÃO’ POR UM AGENTE SECRETO INFILTRADO NA CÚPULA COMUNISTA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO”, com o endereço timbrado “Rua Cel. Gomes Machado, 23, sob – Niterói”.

Apesar de ter sido noticiado pela imprensa como prova cabal da subversão desses grupos esse documento é totalmente desconhecido pelos ex-integrantes dos Grupos dos Onze que entrevistei. Da mesma forma, eles também negam ter recebido a Cartilha da organização.

Logo na primeira página, essas “Instruções” chamam a atenção de que o “êxito do Comando dos Grupos dos Onze Companheiros dependerá, sempre, da observância fiel a estas Instruções Secretas e a outras que, para devida responsabilidade dos futuros integrantes do G11 que, proximamente, deverão ser divulgadas “[...] e que após esse compromisso o “sigilo” e “segredo” fariam parte da vida de cada participante do G11 e alertando que “[...] só a morte libertará o responsável pelo compromisso de honra com o Comando Supremo de Libertação Nacional e é necessário que isto fique bem esclarecido a todos os companheiros do Grupo dos Onze.”⁶

E previa que os Grupos dos Onze seriam a “vanguarda avançada do Movimento Revolucionário”, a exemplo da “Guarda Vermelha da Revolução Socialista de 1917, na União Soviética”. O objetivo das instruções ou comando da organização dos G11 era: “fazer ver aos Grupos dos Onze Companheiros que estamos em permanente luta contra os inimigos internos e externos do povo brasileiro e, que, qualquer que seja a situação que se lhes apresente ou as ordens a serem executadas, OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS e que TUDO será ainda pouco para a LIBERTAÇÃO NACIONAL”.⁷ Essa comparação com a Guarda Vermelha, de acordo com Baldissera, foi usada “como prova de que os grupos eram comunistas e passou a ser a identificação dos mesmos” (BALDISSERA, 2003: 84).

Essa compreensão estratégica do embate político estava fortemente afetada por ideologias radicais, em um período histórico da América. Após a Revolução Cubana,

⁵ Este documento encontra-se sob os cuidados do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) na Caixa Comunismo 66. Dossiê nº 1. Instruções Secretas, folha 28.

⁶ Ver APERJ, na Caixa Comunismo 66. Dossiê nº 1. Instruções Secretas, folha 28.

⁷ Ver APERJ, na Caixa Comunismo 66. Dossiê nº1. Instruções Secretas, folha 27.

foram difundidas “imagens”, “representações” e discursos, tanto para os grupos de esquerda como para os setores conservadores, que impeliam a ação revolucionária, e, simultaneamente, provocavam reações.

De acordo com Baldissera,⁸

Esses grupos formados abertamente e amplamente divulgados pela rádio e pela imprensa suscitaram as mais diversas reações: para uns, autênticas células comunistas, grupos revolucionários que estariam prontos para instalar o comunismo no país; para outros, grupos nacionalistas para a defesa da pátria e para a realização das Reformas de Base; para outros, ainda, uma forma de receber terras, tratores, sementes e ajuda do governo. (BALDISSERA, 2003: 150)

Nesse sentido, percebe-se que havia uma construção de significados coletivos que imputava à figura de Brizola o comando de um movimento revolucionário, comparando os Grupos dos Onze com células comunistas.

O documento descreve a organização como um pequeno exército com o dever “de conseguir, o mais rapidamente possível, os instrumentos próprios para a GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL” que seria travada. De acordo com as instruções, toda e qualquer arma serviria à luta.⁹ O documento procurava, ainda, enfatizar a expectativa do uso da violência para a consecução dos objetivos da organização, como se observa no seguinte trecho: “não nos poderemos deter na procura de justificativas acadêmicas para atos que possam vir a ser considerados, pela reação e pelos companheiros sentimentalistas, agressivos demais ou, até mesmo, injustificados.”¹⁰

Os integrantes dos Grupos dos Onze deveriam considerar-se em “REVOLUÇÃO PERMANENTE” e se guiar pelas “Frentes de Libertação Nacional” de outros países, e, especialmente, assimilar as técnicas de guerrilha através do conhecimento do “folheto cubano” sobre esse mister, seguindo o exemplo de outras “revoluções populares”.¹¹ Admitiam, essas “Instruções Secretas”, que a época era propícia à atuação dos G11.

⁸ Marli de Almeida Baldissera pesquisou sobre o Grupo dos Onze da região do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul em sua tese de mestrado (2003) na Universidade de Passo Fundo Rio Grande do Sul.

⁹ Ver APERJ, Caixa Comunismo 66. Dossiê nº 1. Instruções Secretas, folha 27.

¹⁰ Ver APERJ, Caixa 66. Dossiê nº 1. Instruções Secretas, folha 26.

¹¹ Ibidem.

Mesmo antes dessas instruções se tornarem públicas, o movimento brizolista foi alvo de intensa campanha anticomunista. “A imprensa dominada pelos grupos conservadores afirmava que, em razão da formação desses grupos e pela liderança de Brizola, a guerra revolucionária estava em curso no Brasil” (BALDISSERA, 2003: 65)

No entanto, para a camada mais humilde da população os apelos de Brizola representavam o atendimento de suas necessidades. “Ele encarnava as aspirações de mudanças que a maioria da população precisava. Era como se as pessoas entendessem que se Brizola pediu para se organizarem em Grupos de Onze é porque era certo, importante e necessário.”¹² Como consta em um dos depoimentos registrados por Baldissera.

(...) os preâmbulos militares feitos a respeito constataram uma grande maioria de senhoras velhinhas de mais de 70 anos membros dos Grupos de Onze, de fato eram trabalhistas, petebistas fanáticas da época, assim como a quantidade enorme de crianças com 1, 2, 3 anos, com um ano, com meses de idade, que os pais, por serem trabalhistas fanáticos, ferrenhos, quando nasciam os filhos naquele período escreviam o nome dos filhos como membros dos Grupos de Onze. (BALDISSERA, 2003:66)

A maioria dos entrevistados desmente a versão do documento. Segundo Costa, as reuniões das quais participou, giravam sempre na defesa de um possível ataque, mas que nunca chegou até seu grupo nenhum tipo de instrução secreta.

*Ouvimos falar de armas, mas essas instruções não chegaram até nós. Mas sabíamos que mais cedo ou mais tarde poderíamos pegar em armas. Com o Golpe de 1º de abril o grupo se desfez. Nossa única tarefa foi levar a lista para Rádio Mayrink Veiga com os nossos nomes; não sei se foi o José Augusto que levou. Lá (na **Mayrink Veiga**), eles falaram que tínhamos que ouvir a rádio Farroupilha ondas curtas e seguir as orientações do deputado Leonel Brizola.”¹³(grifo nosso)*

Ferreira também contesta a origem desse documento. Para ele, foram provas produzidas pelo grupo de oposição ao governo:

¹² Depoimento de Nélio Menezes para a autora em 24/07/2012. Membro da Associação dos Anistiados Políticos Aposentados e Pensionistas (ANAPAP) do município de Duque de Caxias do Rio de Janeiro.

¹³ Depoimento de Milton Lopes da Costa para a autora em 24/07/2012. Membro da Associação dos Anistiados Políticos Aposentados e Pensionistas (ANAPAP) do município de Duque de Caxias do Rio de Janeiro.

Esse negócio aí que você falou das instruções secretas é tudo invenção. No dia do Golpe, ainda consegui reunir uns quatro ou cinco do nosso grupo. Saímos pelas ruas perdidos sem armas, sem saber o que fazer. Ainda ouvi Brizola dizer no rádio, isso no dia 1º ou 2 de abril, acho que lá do Rio Grande do Sul: ‘eles ganharam o 1ª round, mas vamos ver quem tem mais banha pra gastar’. Sei que na época existiam muitos Grupos dos Onze na cidade. O povo queria reagir, mas não havia orientação, não havia um comando. Nós nos dispersamos. Depois do golpe é que houve essa coisa de tomar o poder, mas antes nós queríamos resistir ao golpe e lutar pelas reformas de base. Não foi adiante porque a gente se organizou, politizou as pessoas, mas não chegaram orientações. ¹⁴

Logicamente existiam membros dos Comandos Nacionalistas que eram favoráveis ao confronto armado com grupos conservadores que intentassem contra o regime democrático. Mas o que se percebe é que esses eram pouco e não apresentavam nenhum preparo para guerrilha.

Com esses depoimentos, analisamos que era praticamente impossível formar um exército revolucionário com pessoas totalmente despreparadas e com a escassez de armas, conforme relataram os entrevistados. Apesar de o documento indicar que a falta de armamento “seria suprida pelos aliados militares que possuímos em todas as Forças Armadas”,¹⁵ não houve por parte desses militares a introdução de armamento para as células brizolistas.

Informado sobre o conteúdo dessas Instruções Secretas, Trajano Ribeiro¹⁶, foi enfático ao dizer que este documento é “totalmente inverídico. Eu posso te garantir que isso não partiu de Brizola. Isso foi feito pela ditadura. Isso não é real. O Grupo dos Onze era um grupo de discussão política e de mobilização popular, só. Não tinha pretensão de tomar o poder. Nada disso.”¹⁷

¹⁴ Depoimento de Paulo Ferreira Campos para a autora em 24/07/2013. Membro da Associação dos Anistiados Políticos Aposentados e Pensionistas (ANAPAP) do município de Duque de Caxias do Rio de Janeiro.

¹⁵ APERJ, Caixa comunismo 66. Dossiê n.1. Instruções Secretas, p. 24.

¹⁶ Depoimento de Trajano Ribeiro para a autora em 26/04/2012. Trajano Ribeiro é sobrinho do ex-presidente João Goulart. Na época da Campanha da Legalidade era líder estudantil secundarista do Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre. Fez parte do secretariado dos dois governos de Brizola no Rio de Janeiro. É fundador dirigente do PTB/RJ.

¹⁷ Depoimento de Trajano Ribeiro para a autora em 26/04/2012.

Indagado também sobre a existência desse documento, Alípio de Freitas disse desconhecer completamente esse fato:

O citado Preâmbulo Ultra-Secreto do qual eu só tive conhecimento através da sua pergunta, é uma das muitas mentiras que o golpe militar de 1964 espalhou no Brasil para se autojustificar. A FMP, e posso afirmar também, o Partido Comunista, nunca, ao menos nesse tempo, se propuseram chegar ao poder por outros meios que não fossem os institucionais. E a prova está em que o golpe não encontrou qualquer tipo de resistência armada em qualquer lugar do Brasil.¹⁸

Esses depoimentos permitem-nos duvidar da veracidade dessas “Instruções Secretas” utilizadas para justificar as perseguições daqueles que viam na figura de Brizola um líder trabalhista capaz de atender suas necessidades. Nesse sentido, o conteúdo do documento foi produzido e utilizado para estabelecer um consenso coletivo de significação ideológica, refletindo-se nas práticas sociais que, por sua vez, reforçaram esses conceitos como algo real, que era ou que merecia ser verdadeiro. (BALANDIER, 1997: 144)

Minha perspectiva é a de que muitos dos que assinaram as listas de adesão, o fizeram numa expectativa de melhoria de vida. Sendo assim, cada integrante dos Comandos Nacionalistas vai depositar a confiança na criação de um movimento que lhe aponte uma saída para seus problemas. Essas pessoas encontraram na figura de Leonel

¹⁸ Com o codinome de André, Alípio de Freitas participou na formação dos Grupos dos Onze. Alípio de Freitas é ex-padre. Ainda como religioso foi para a cidade de São Luiz do Maranhão, no Brasil, em 1957, onde se chocou com a miséria do lugar. Na região ajudou na organização de Associações de Moradores, lecionou na Universidade Federal da região História Antiga e Medieval e participou da Organização dos Trabalhadores Rurais através das Ligas Camponesas de Francisco Julião. Em 1962, após participar de um comício, organizado pelo PCB a favor pelas Reformas e Base no Rio de Janeiro, é repreendido pela igreja Católica e resolve abandonar a vida religiosa. Meu encontro com Alípio de Freitas se deu em janeiro de 2013, na redação do jornal Nova Democracia, no bairro de São Cristovão no Rio de Janeiro, depois de várias tentativas de entrar em contato com ele. Na ocasião ele fez questão de esclarecer que: “não existe entre mim e a igreja qualquer tipo de ligação, a não ser aquela de velhas amizades que sempre se mantêm apesar das diferenças políticas e ideológicas”, e, que seu “conhecimento com Brizola inicia-se logo após a formação da Cadeia Legalidade,” se tornando uma “grande amizade” e que mesmo não fazendo parte dos quadros do PTB, deu “suporte político à resistência popular ao golpe militar-fascista, que se preparava para tomar conta do país”. Com a ditadura militar, Freitas ficou preso entre 1964 e 1981, perdeu suas nacionalidades (portuguesa e brasileira). Desde 1981 vive em Portugal. Conseguiu de volta sua cidadania portuguesa em 1985. Hoje dirige a Casa Grande do Brasil, fundada por ele em Portugal em 2004 para atender às necessidades das comunidades brasileiras no país.

¹⁸ Depoimento a Alípio de Freitas para a autora por e-mail em 01-2013.

Brizola o fator determinante para a tomada de posição em favor das Reformas de Base e do trabalhismo.

Portanto, Brizola representou para os indivíduos que ingressaram nos Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas a possibilidade de apontar a solução para a crise política e econômica em que o Brasil estava mergulhado, e, ao mesmo tempo, esses integrantes do movimento assumiam o trabalhismo que Brizola carregou como estandarte durante sua trajetória política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. *Ideologia, conflitos e poder*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1978.

BALDISSERA, Marli de Almeida. *Onde Estão os Grupos de Onze? Os Comandos Nacionalistas na Região o Alto Uruguai/RS*. Universidade de Passo Fundo. Rio Grande do Sul. 2003.

CAMARGO, Aspacia A. de; NUNES, Marcia B. M. *Como fazer uma entrevista?* Rio de Janeiro: Doc. CEPDOC. 714.

FERREIRA, Jorge; AARÃO, Daniel (Orgs). *As esquerdas no Brasil. Revolução e Democracia. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. In FERREIRA, Jorge; AARÃO Daniel (Orgs.). *Op. cit.*, 2007.

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1977.

GOMES, Angela Maria de Castro; D'ARAUJO, Maria Celina. *Getulismo e trabalhismo*. São Paulo: Ática, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Brizola e o trabalhismo. In: *Revista anos 90*, v. 11, n. 19/20. Porto Alegre, 2004.

LEITE FILHO, Francisco das Chagas. *El Caudillo: Leonel Brizola: um perfil biográfico*. São Paulo: Aquariana, 2008.

MESQUITA, Mário M. C. *Brasil 1961-1964: Inflação, estagnação e ruptura*. Disponível em: <<http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td569.pdf>>. Acesso em: 30 de Abril de 2012, pp. 1-2.



RÉMOND, René. *Por Uma História Política*. René Rémond (Org.) Rio de Janeiro. Ed. UFRJ/FGV, 1996.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estatização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1999.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 7ª ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1982.

SZATKOOSKI, Elenice. *O Jornal o Panfleto e a Construção do Brizolismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

THOMPSON, E. P. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.